

---

## TRADUÇÃO DE *DAS DICKE KIND* DE MARIE LUISE

KASCHNITZ<sup>1</sup>

### *A MENINA GORDA*

Joana Dias<sup>2</sup>

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

joana.pl.dias@gmail.com

Dalila Lopes<sup>3</sup>

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

dalop@iscap.ipp.pt

Portugal

Era fim de Janeiro, pouco depois das férias de Natal, quando a menina gorda veio a minha casa. Nesse Inverno, eu tinha começado a emprestar livros às meninas da minha vizinhança: havia um dia certo para as meninas levarem e trazerem os livros. É claro que eu conhecia a maioria destas meninas mas, por vezes, apareciam outras, que não moravam na minha rua. E embora a maioria delas ficasse apenas o tempo suficiente para entregar e levar novos livros, havia algumas que se sentavam e começavam logo a ler. Então, eu ficava sentada à minha secretária a trabalhar e as meninas ficavam sentadas à volta da mesinha próxima da estante e a sua presença era agradável e não me incomodava nada.

A menina gorda apareceu numa sexta ou num sábado, de qualquer modo não no dia marcado. Eu tinha planeado sair e estava prestes a trazer para a sala uma

---

<sup>1</sup> In Wiese, Benno von (ed.) (1977), *Deutschland Erzählt*, Frankfurt am Main: Fischer, pp. 231-237.

<sup>2</sup> Aluna da unidade curricular Tradução Literária (Alemão-Português) do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

<sup>3</sup> Docente da unidade curricular Tradução Literária (Alemão-Português) do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

pequena refeição que tinha preparado. Pouco tempo antes tinha tido uma visita, que se deve ter esquecido de fechar a porta da entrada. Por isso é que a menina gorda me apareceu de repente à frente, no momento em que eu tinha pousado o tabuleiro na secretária e me preparava para ir outra vez á cozinha.

Era uma menina de cerca de 12 anos, com um casaco comprido fora de moda, de fazenda grosseira, e polainas pretas de malha, com um par de patins ao ombro, e pareceu-me conhecê-la, mas não tinha bem a certeza e, como não fez barulho ao entrar, assustou-me.

Conheço-te? perguntei surpreendida.

A menina gorda não respondeu.

Ficou ali em pé, pousou os braços sobre a barriga e ficou a olhar para mim com os seus olhos cor de água.

Queres um livro? perguntei.

A menina gorda continuou a não responder. Mas eu não fiquei muito admirada. Estava habituada a crianças tímidas, que precisavam de ajuda. Então peguei em alguns livros e posei-os à frente dela. Depois pus-me a preencher umas das fichas em que registava os livros emprestados.

Então, como te chamas? perguntei.

Chamam-me a Gorda, disse a menina.

Também queres que te chame assim? perguntei.

Tanto faz, respondeu. Não retribuiu o meu sorriso, e acho que me lembro agora que, naquele momento, esboçou uma expressão triste.

Mas não dei importância.

Quando nasceste? continuei.

Em Aquário, respondeu calmamente.

Achei piada á resposta e registei-a na ficha, porque a achei engraçada, e depois voltei outra vez para os meus livros.

Queres algum livro em especial? perguntei.

Então, vi que ela não estava nada a olhar para os livros, mas, sim, para o tabuleiro, onde estava o meu chá e as minhas sandes.

Talvez queiras comer alguma coisa, sugeri prontamente.

A menina disse que sim com a cabeça, e este gesto de aceitação evidenciou um certo espanto e até ofensa por só agora tal me ter ocorrido. Pôs-se a devorar as sandes, umas atrás das outras, e fez isto de uma maneira estranha, mas só mais tarde me apercebi disso. Depois ficou ali sentada e fez vaguear lentamente o seu olhar frio pela sala, e havia qualquer coisa no seu ser, que me provocava irritação e até repulsa. Pois é, eu odiei esta menina desde o princípio. Tudo nela me causava repulsa: os seus movimentos lentos, a sua cara bonita e gorda, o seu modo de falar, ao mesmo tempo sonolento e atrevido. E embora tivesse decidido desistir do meu passeio por causa dela, não a tratei nada bem, pelo contrário, fui cruel e fria.

Ou acham que eu a tratei bem ao sentar-me à secretária a trabalhar e ao dizer de costas voltadas, então lê, embora soubesse perfeitamente que ela não queria ler? E fiquei ali sentada, e queria escrever, e não conseguia, porque tinha uma estranha sensação de tormento, como quando se precisa descobrir uma coisa e não se descobre e, enquanto não se descobrir, nada pode ser como era antes. E durante algum tempo consegui conter-me, mas não por muito tempo, e então voltei-me e comeci a falar, e só me ocorreram perguntas estúpidas.

Tens irmãos?, perguntei.

Tenho, respondeu.

Gostas da escola?, perguntei.

Gosto, respondeu.

E do que gostas mais?

Como?, perguntou ela.

Que disciplina, disse eu em desespero.

Não sei, respondeu.

Talvez Alemão? perguntei.

Não sei, respondeu.

Comecei a rodar o lápis entre os dedos, e senti a crescer algo em mim, um horror, que em nada estava relacionado com o aparecimento da menina.

Tens amigas?, perguntei trémula.

Sim, sim, disse ela.

Deve haver alguma de quem gostas mais? perguntei.

Não sei, disse ela, ali sentada, com o casaco peludo de fazenda, parecia uma lesma gorda, e também tinha comido como uma lesma, e como uma lesma começava agora outra vez a farejar à sua volta. Daqui não levas mais nada, pensei, com uma estranha sede de vingança. Mas depois fui buscar pão e carnes frias e a menina ficou a olhar para a comida com a sua expressão apática, e depois começou a comer que nem uma lagarta: com lentidão e persistência, como que levada por um impulso interior e fiquei a olhar para ela num silêncio hostil.

Porque agora eu já tinha chegado ao ponto em que tudo nesta menina começava a incomodar-me e a irritar-me. Que vestido branco e que colarinho alto tão ridículos, pensei, quando ela, depois de comer, desapertou o casaco. Voltei ao trabalho, mas então ouvi a menina atrás de mim a murmurar, e este ruído parecia o murmúrio lento de um lago escuro algures na floresta, e fez-me lembrar tudo o que é neblina húmida, tudo o que é pesado e turvo na natureza humana e isso perturbou-me muito. O que queres de mim? pensei, vai embora, vai embora. E tive vontade de empurrar a menina lá para fora com as minhas próprias mãos, como se estivesse a enxotar um animal incomodativo. Mas acabei por não a enxotar, antes voltei a falar com ela, da mesma forma desagradável.

Vais patinar agora?, perguntei.

Vou, disse a menina gorda.

Sabes andar bem de patins?, perguntei e apontei para os patins que a menina ainda trazia ao ombro.

A minha irmã sabe, disse ela e esboçou mais uma vez uma expressão de dor e tristeza e mais uma vez eu não reparei importância.

Como é a tua irmã? Perguntei. É parecida contigo?

Não, não, disse a menina gorda. A minha irmã é muito magra e tem cabelo preto encaracolado. No Verão, quando estamos no campo e há trovoada à noite, ela sai da cama e senta-se no parapeito da varanda lá de cima e põe-se a cantar.

E tu?, perguntei.

Fico na cama, respondeu. Tenho medo.

A tua irmã não tem medo, pois não?, disse eu.

Não, disse a menina, ela nunca tem medo. Ela até salta da prancha mais alta. Dá um salto de cabeça e desata a nadar para longe...

Então, o que é que canta a tua irmã? perguntei com curiosidade.

Canta o que lhe apetece, disse a menina gorda, com tristeza. Também escreve poemas.

E tu?, perguntei.

Eu não faço nada, disse a menina. E levantou-se, e disse, agora tenho que me ir embora. E estendi-lhe a mão e ela cumprimentou-me com a sua mão rechonchuda, e não sei bem o que senti, uma espécie de desafio para a seguir, um chamamento surdo e urgente.

Vem mais vezes, disse, mas não estava a ser sincera, e a menina não disse nada, e olhou para mim com um olhar frio. E depois foi-se embora, e eu deveria ter sentido um certo alívio. Mas mal ouvi bater a porta, corri para o corredor e vesti o casaco. Desci as escadas a correr e cheguei à rua no momento em que a menina virava a esquina.

Sempre quero ver como é que esta lesma anda de patins, pensei. Sempre quero ver como é que este monte de banhas se consegue mover sobre o gelo. E apressei o passo para não perder a menina de vista.

A menina gorda tinha chegado a minha casa ao princípio da tarde, e agora começava a anoitecer. Embora eu tivesse passado alguns anos da minha infância nesta cidade, já não conhecia bem as ruas, e enquanto procurava seguir a menina, já não sabia que caminhos seguíamos, e as ruas e praças que me apareciam à frente eram-me totalmente estranhas. De repente também notei uma alteração no tempo.

Tinha estado muito frio, mas agora estava, sem dúvida, a começar o degelo, e tão forte que a neve pingava dos telhados, e no céu viam-se nuvens de ar quente. Já estávamos fora da cidade, lá, onde as casas têm grandes jardins, e depois já não havia casas, e depois, de repente, a menina desapareceu, e depois surgiu um declive. E enquanto eu esperava ver à minha frente uma pista de gelo com barracas de cor clara e candeeiros e uma superfície brilhante cheia de gritaria e música, deparei com um cenário completamente diferente. Porque, lá em baixo, em vez do lago que eu esperava encontrar, nesta altura, já com as margens cheias de construções, estava ali apenas um lago rodeado de bosques escuros, exactamente como na minha infância.

Esta imagem excitou-me tanto, que quase perdi de vista a menina desconhecida. Mas depois voltei a vê-la, estava de cócoras na margem e tentava cruzar uma perna sobre a outra e com uma mão calçar o patim e com a outra apertá-lo à chave. A chave caiu-lhe várias vezes, e então ela deixou-se cair de quatro, e escorregou no gelo em círculos à procura como uma barata tonta.

Além disso, estava cada vez mais escuro. O pontão, que estava a poucos metros de distância da menina, estava mergulhado na escuridão e estendia-se sobre a grande superfície que brilhava como prata, mas nem toda com o mesmo brilho, pois aqui e ali havia manchas um pouco mais escuras, que anunciavam o degelo. Despacha-te, gritei impaciente, e a Gorda de facto despachou-se não em resposta ao meu apelo, mas porque alguém para lá do pontão gritava “Anda, Gorda”, alguém que patinava em círculos, uma figura leve e clara. Ocorreu-me que esta teria que ser a irmã, a bailarina, a que cantava quando havia trovoadas, a minha preferida, e fiquei logo convencida que nada mais me tinha atraído aqui a não ser a ânsia de ver este ser tão gracioso. Mas, ao mesmo tempo, tive noção do perigo em que estas meninas se encontravam.

Porque, então, começou de repente aquele gemido estranho, aqueles suspiros profundos, que o lago parece fazer antes de a camada de gelo partir. Estes

suspiros vinham das profundezas do lago, como um lamento horripilante, e eu ouvia-os e as meninas não.

Pois, é verdade, elas não ouviam. Porque se ouvissem, a Gorda, essa criatura assustadiça, não se teria posto a caminho, não teria continuado por ali fora a raspar o gelo aos solavancos desajeitados, e a irmã lá adiante não a teria chamado a rir, e não teria rodopiado com os patins em pontas como uma bailarina, e depois feito uns belos oitos, e a Gorda teria evitado as manchas mais escuras que agora a assustavam mas que tinha que atravessar, e a irmã não se teria endireitado de repente e não teria fugido, para longe, para longe, para se abrigar na margem.

Eu estava a ver bem tudo isto, porque me tinha posto a caminhar pelo pontão adiante, passo a passo. Embora as tábuas estivessem geladas, consegui chegar mais depressa à frente do que a menina gorda lá em baixo, e quando me voltava, via a cara dela, que tinha uma expressão pesada e ao mesmo tempo ansiosa. Também via as fendas, que agora abriam por todo o lado, e de onde borbulhava um pouco de água que parecia espuma saída dos lábios de um louco furioso. E depois, é claro, também via o gelo a quebrar por baixo da menina gorda. Porque isto aconteceu no lugar onde a irmã tinha estado a dançar e próximo do fim do pontão.

Convém dizer que estas fendas não representavam perigo de vida. O Lago gela por camadas, e a segunda, que fica um metro abaixo da primeira, estava ainda bastante sólida. O que aconteceu foi que a Gorda estava em pé sobre a segunda camada, é certo que metida em água gelada e rodeada de pedaços de gelo, mas se ela desse alguns passos conseguia chegar ao pontão e aí podia içar-se e eu então podia ajudá-la. Mas pensei também logo, ela não vai conseguir, e parecia mesmo que ela não iria conseguir, ali em pé, assustada de morte, fazendo alguns movimentos desajeitados, rodeada de água, e com o gelo a quebrar-lhe nas mãos. O Aquário, pensei, agora está a afundar-se nele, e não senti nada, nem a mínima compaixão e não me mexi.

Mas então a Gorda levantou a cabeça de repente, e, porque agora era completamente noite e a Lua não estava coberta por nuvens, pude ver claramente que algo na sua cara tinha mudado. Eram os mesmos traços e, ao mesmo tempo, não eram, tinham-se transformado graças à vontade e à paixão, como se agora, perante a morte, sugasse toda a vida, todo o esplendor da vida que há no mundo. Sim, foi isso que eu pensei, que a morte se aproximava e que isto era o fim, e debrucei-me sobre a balastrada, e olhei para o rosto pálido lá em baixo, que, como um reflexo num espelho, olhou para mim na escuridão das águas. Mas agora a menina gorda tinha chegado ao poste. Estendeu as mãos e começou a içar-se, com inesperada habilidade agarrou-se aos pregos e aos ganchos da madeira. O seu corpo era muito pesado e os dedos sangravam, e ela caía outra vez, para logo depois se levantar outra vez. E aquilo que eu ali vi foi uma longa luta, uma terrível batalha pela libertação e pela transformação, como o quebrar de uma casca ou o libertar-se de uma teia, e agora eu bem gostaria de ter ajudado a menina, mas eu sabia, que já não precisava de a ajudar – apercebi-me disso...

Não me lembro nada do meu caminho para casa nessa noite. Só sei que nas escadas contei a uma vizinha que ainda havia um pedaço de margem do lago com prados e bosques sombrios, mas ela respondeu-me que não, que não havia. E também sei que encontrei os papéis remexidos na minha secretária e algures, no meio, uma pequena fotografia minha, antiga, em que eu estava de vestido branco de lã com colarinho alto, olhos cor de água e muito gorda.